

JORNAL D' OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados. 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A EGREJA E O ESTADO

I

Não concordamos em que entre a igreja e o estado não haja outra ligação além de estar o catholicismo aceito e reconhecido como a religião nacional.

O estado nomeia os bispos e os parochos: estabelece-lhes rendas, torna-as obrigatorias: ás mitras junta os arminhos do pariato: dá aos bispos uma entidade politica do mais alto valôr: aos parochos fal-os presidentes das juntas de parochia, etc. D'este modo intervem na parte administrativa da igreja e com esta se liga tanto, que ella entra na constituição de um dos seus poderes.

E' a camara dos pares da livre escolha do rei, e o bispo o unico membro que não precisa d'essa escolha; é a Carta, é a Constituição que o faz par do reino.

II

Não obstante isso, o bispo pode recusar a collação aos parochos, e o pontifice a confirmação aos bispos.

Mas essa recusa não se funda em poder algum que tenha o bispo sobre a nomeação dos parochos, nem o pontifice sobre a nomeação dos bispos, exprime apenas o não reconhecimento das habilitações ou qualidades canonicas dos agraciados.

Nessas nomeações, a igreja cede ao governo emquanto ao acto administrativo, e o governo cede á igreja emquanto ao espirital.

Essa faculdade de nomear os parochos nunca pertenceu exclusivamente á auctoridade ecclesiastica, mas até a individuos seculares, aos senhores, aos donatarios, aos abbades, aos conventos e ás ordens militares.

Como tambem a nomeação dos bispos não pertencia aos pontifices; era o clero da diocese que os elegia, e muitas vezes o Cabido.

Assim de os parochos estarem espiritualmente sujeitos aos prelados não se segue que estes tenham o direito, a inteira e livre faculdade de os substituir, de suspendel-os quando quizerem, por deliberação voluntaria.

A suspensão *ex-reservata conciencia* supõe um crime, peccado grave, ou falta canonica que tolhe o exercicio das funções espirituales, e que o prelado não pode revelar. Esse acto é penal.

Nada tem pois a subordinação espirital com o acto administrativo da nomeação dos parochos, nem com o direito d'estes a exercerem as suas funções, as quaes o estado, visto ser elle que os nomeia, deve garantir-lhes quando tenham sido collaçoes, isto é, reconhecidos como idoneos emquanto ás habilitações canonicas.

Da mesma sorte a confirmação dos bispos pelo pontifice não é o acto administrativo da sua nomeação, o qual pertence ao estado exclusivamente.

Emquanto a conservarem os seus direitos e jurisdicções, bispos

e parochos não ficam abandonados ao poder da igreja.

E' claro que o acto administrativo da nomeação abrange o poder de os conservar nos seus cargos, quando devidamente exercidos.

São rasões d'alto interesse social que obrigaram o estado a reservar para si a escolha dos bispos e dos parochos. Todos sabem como se pode abusar das crenças religiosas contra o regimen liberal: muito interessa portanto ao estado escolher os individuos não só para os cargos eminentes da igreja, mas sobretudo para aquelles que se acham em mais contacto com as massas do povo.

Estão dois poderes de diversa indole, um em face do outro; e foi para evitar conflictos, para a harmonia de ambos, que o estado reservou para si o acto administrativo das nomeações dos bispos e dos parochos.

Depois de 1832 ou pelo menos, depois da concordata, como ha-de a auctoridade ecclesiastica por uma ordem executiva destituir um parochio collado, ainda mesmo quando lhe sobejem rasões para isso? não pode: porque invalida e offende aquella tão importante e necessaria prerogativa do estado. Se o faz invade o seu poder administrativo.

Para com o estado, e o parochio em quanto se acha sob a sua garantia, precisa de justificar a necessidade da sua substituição, por meio de um processo regular, e sem duvida, segundo as suas formas actuaes. Essa justificação tira ao acto de prelado o caracter de ordem executiva, de deliberação voluntaria a qual não pode realizar sem violencia ao parochio, e sem invadir a esphera do estado.

E quando haja a necessidade da substituição, se não fôr justificada, quem tira aos parochos o direito de recorrerem? E as violencias que soffrerem sobre o exercicio das suas funções atacam igualmente as prerogativas da corôa.

III

Ainda que hoje esteja bem resolvido entre theologos que os parochos não são da instituição divina, mas procedentes dos bispos, comtudo se a sua independencia não existe canonicamente, existe sem duvida em virtude do padroado real.

Emquanto ao direito de exercer a sua jurisdicção tem o parochio uma independencia que deriva da sua nomeação pela corôa.

Mas não ha lei que obrigue os prelados a um processo regular, nem que indique ou especialise as suas formas. Não é preciso que haja: em presença de um direito que hoje não deriva da igreja, e da actual prerogativa da corôa offendida na pessoa dos parochos, que vale o que ordenam as cons-

tituições dos bispados anteriores a 1832?

E qual será o meio legal de atacar esse direito e essa prerogativa senão o de um processo regular—e tal como deve ser um processo n'esta época?

IV

Por outro lado.

Desde que ha uma religião do Estado, desde que os bispos e parochos, e outros ecclesiasticos, gosam de rendas estabelecidas e garantidas, obrigatorias, porque rasão não devem contribuir para as despesas publicas?

Qual é o direito, que os izempta?

(Continuaremos)

—
Lourenço d'Almeida e Medeiros

SCIENCIAS & LETTRAS

Theorias e apreciações litterarias

XVI

Nada importava ao romantismo portuguez a leve noticia do grande mestre sobre *Esthetics*, mórmente não mostrando se influem ou não no movimento litterario, o qual, como diz o sincero Kant, continúa dispensando as especulações d'esse genero.

Sobre isto levanta-se uma questão que adiante discutiremos.

Difficil é sem duvida penetrar bem no espirito das theorias philosophicas allemãs depois de Kant, que foi quem começou a usar d'uma terminologia propria, e obscura, quanto a mim escusada.

Mas ao nosso mestre cumpria fazer-nos ver clara e rigorosamente as idéas do grande philosopho e não alteral-as do modo que vimos. Vamos transcrever algumas passagens da *Critica do Juizo*, que nos livram da suspeita de sermos nós a quem possa caber a mesma censura.

A paginas 51 da Introdução «distingue entre a belleza do mundo externo que a seu ver não passa de formal e puramente subjectiva, e a finalidade real. Nós julgamos a primeira *estheticamente* pelo sentimento do prazer que nos causa, a segunda *logicamente* por meio de conceitos.»

Pag. 65: e 66: «Para decidirmos do que é ou não nos serve o entendimento em vista de obtermos uma noção; mas observamos em nós o prazer ou o desprazer (que deriva da contemplação de um objecto qualquer). O juizo respectivo não é por *consequencia logico*.»

Pag. 85: «Notemos, que a universalidade (dos juizos sobre o bello), que não assenta em conceitos, não é *logica* mas *esthetica*.» Pag. 86: «Da universalidade subjectiva ou *esthetica* não se conclue a logica.»

Assim, nem mesmo esse caracter, que attribue ao bello, ou ao juizo do gosto, o faz entrar na esphera da logica.

A harmonia, ou relação sympathica e impressiva entre as

nossas faculdades e a natureza, cujas leis não tentamos conhecer, e só queremos contemplal-a livremente e com desinteresse, produz este estado moral, ou modo de sentir, que se chama *esthetico*—ou impressões puras, subjectivas, que não são conhecimentos ou não encerram uma relação dos objectos contemplados com qualquer fim geral. Mas se indagamos essa relação, se queremos ligar todo o mundo em um systema de fins e causas, então entra-se na esphera da logica, mas cessa a *esthetica*.

Parece-nos isto simples e comprehensivel.

As passagens, que acima reproduzimos, desmentem o sr. Theophilo completamente.

Insistimos em fazer ver o seu erro grosseiro, que perturba toda a concepção kantiana sobre o bello, porque é em confronto com esta que havemos de frisar as differenças entre as diversas escolas, omitindo comtudo as que lhe são anteriores.

(Continúa.)

—
LOURENÇO D'ALMEIDA MEDEIROS.

ARIANISMO (VOLTAIRE)

Todas as grandes controversias theologicas durante mil e duzentos annos foram gregas.

Que diriam Homero, Sophocles, Demosthenes, Archimedes, se tivessem sido testemunhas d'estas argucias, que tanto sangue custaram?

Arius, ainda hoje tem a honra de passar por inventor da sua opinião, como Calvino passa por ser fundador do calvinismo. A vaidade de ser chefe d'uma seita é a segunda de todas as vaidades d'este mundo; porque a dos conquistadores dizem ser a primeira. Todavia nem Calvino, nem Arius, tem certamente a triste gloria da invenção.

Ha longo tempo se questionava sobre a Trindade, quando Arius se envolveu n'esta questão na cidade de Alexandria, onde Euclides não podera serenar os espiritos e tornal-os rasoaveis. Nunca houve povo mais frivolo do que os Alexandrinos, nem mesmo os Parisienses se lhes proximam.

Era preciso que a disputa fosse de veras acerrima sobre a Trindade, pois que o patriarcha autor da chronica d'Aevandre, conservada em Oxford, certifica que dois mil padres sustentavam o partido que Arius abraçou

Transcrevamos aqui o que se disse d'ariis em um pequeno livro.

«Eis uma questão incomprehensivel que despertou durante mais de desesseis seculos a curiosidade, a subtileza sophistica, o rancor, o espirito de cabala, o furor de dominar, a raiva de perseguir, o fanatismo cego e sanguinario, a credulidade barbara, e que produziu mais horrores que a ambição dos principes, que produziu muitos.

Jesus é verbo? Se é verbo, é emanado de Deus no tempo, ou

antes do tempo? se é emanado de Deus, é coeterno e consubstancial com elle? ou é d'uma substancia parecida? é distincto d'elle? ou não? foi elle creado? pode elle crear por sua vez? tem elle a paternidade ou a virtude productiva sem paternidade? o Espirito Santo foi feito ou ingendrado, ou produzido, procedendo do pae, ou procedendo do filho, ou procedendo d'ambos? pôde elle crear, pôde produzir? A sua hypostasis é consubstancial com a hypostasis do pai e do filho? e como, tendo precisamente a mesma natureza, a mesma essencia que o pai e o filho, não pôde elle fazer o mesmo que estas duas pessoas que são elle mesmo?

«Estas questões, tão superiores á razão, precisavam, sem duvida, de serem decididas por uma igreja infallivel.

«Sophismava-se, disputava-se havia odios e anathemas entre os christãos por alguns d'estes dogmas inacessiveis ao espirito humano, antes d'Arius e d'Atanasio. Os gregos egypcios eram pessoas habeis, cortevem um cabello em quatro; porem d'esta vez só o cortaram em tres. Alexandros, bispo d'Alexandria, lembrou-se de pergurar que, sendo Deus necessariamente individual, simples, uma mónada em todo o rigor da palavra, esta mónada era trina.

«O padre Arius scandalisou-se todo com a mónada de Alexandros; e explica este caso d'outro modo; em parte é argucioso como o padre Sabellio, que o tinha sido como o Phrygio Praxeas, argucioso mór. Alexandros reúne á pressa um pequeno concilio composto dos que seguiam a sua opinião, e excumunga o seu contraditor. Eusebio, bispo de Nicomedia, toma o partido d'Arius, e eis toda a igreja em fogo.

«O imperador Constantino era um acelerado, confesso-o, um parricida que asfixiou sua mulher n'um banho, degolou seu filho, assassinou o sogro, o cunhado e sobrinho; um homem inchado de orgulho e devasso, concordo; um tyranno detestavel, assim como seus filhos; mas tinha bom senso. Não se obtem o imperio, não se vence todos os rivaes sem pensar com acerto.

«Quando accessa viu a contenda dos padres, mandou o celebre bispo Ozius com cartas exhortando os dois partidos belligerantes. «Sois uns grandes loucos, em questionarem cousas que não intentem. E' indigno de vosso ministerio fazer tanto barulho por um assumpto de tão pouco valor.»

«Constantino não se referia á Divindade, mas á maneira incomprehensivel por que se esforçavam em querer explical-a.

O patriarcha arabe auctor da historia da igreja de Alexandria, diz nos Ozius que lhes fallára assim:

Meus irmãos, começa o christianismo a gozar de paz, e vós ides envolvê-lo n'uma discordia eterna. Muita razão tem o imperador em vos dizer que andaes em desordem por um objecto insignificante. Certamente, Jesus Christo teria d'elle fallado, se fôra essencial. O que elle não diz expressamente é obra dos homens.

Jesus recommenda-vos que vos ameis, e vós já lhe desobedeceis odiando-vos, e promovendo lutas no imperio. Ninguém pode saber se Jesus foi ou não ingendrado; e que vos importa a sua natureza, contanto que a vossa seja justa e razoavel? Que relação tem uma vã sciencia de palavras com a moral que deve regular os vossos actos. Encheis a doutrina de mystérios, vós que apenas devíeis consolidar a religião pela vossa virtude. Quereis que a fé christã não seja senão um monte de sophismas? Acabae de disputar; adoraes, edificaes, humilhaes-vos, cuidaes dos pobres, apasiguaes as questões das familias, em vez de escandalizar todo o imperio com as vossas discordias.»

«Ozius fallava a obstinados. Reuniu-se o concilio de Nicêa, e houve uma guerra civil espiritual no imperio romano. Esta guerra trouxe outras, e de seculo em seculo tem-se perseguido mutuamente até nossos dias.»

(Continua)

C. M.

O FUTURO DE LOURENÇO MARQUES

Sobre esta momentosa questão, tão debatida na imprensa e nos comicos, transcrevemos do nosso presado collega «O Progresso», de Lourenço Marques, o artigo que segue, pondo bem em evidencia a desgraçada administração de Portugal n'aquelle nosso riquissimo territorio da Africa Oriental:

«Os fados hão de cumprir-se. O desleixo criminoso dos nossos governos, e de quasi todos os seus delegados, deixaram que mãos extranhas escrevessem no livro do destino da Provincia de Moçambique a sua desnacionalização já agora verificada, e a sua perda total, n'um futuro mais ou menos proximo.

A desnacionalização é já um facto.

Muitos são os factores que para isso concorrem, e não é facil saber qual seja o mais importante.

Por um lado são os prasos e companhias privilegiadas, verdadeiros feudos, estados dentro do proprio Estado, com a sua historia já negra de crimes de toda a especie; e são por outro muitas das auctoridades superiores, que, sem consciencia da sua missão a

cumprir, concorrem extraordinariamente para esse fim.

Como não ha de córar de vergonha e tremer de indignação, o portuguez que se preze de o ser, que entrando n'uma repartição publica, procure pelo chefe, e lhe appareça um inglez ou coisa que o valha, nem sempre bem educado, que o olhe com ar de desprezo provocador, e, quando em portuguez lhe diga o que deseja, elle lhe responde: *oh! mim não comprehende portuguez*, julgando extraordinario, que os que lhe pagam e o toleram, ainda lhe fallem a formosissima lingua de Camões?!

Que juizo ficará a fazer das auctoridades superiores que tal permitem?

Depois de tudo isto, vem ainda mais, a já celebre Convenção, com a sua commissão mixta, emigração indigena, relações alfandegarias, etc.

A commissão mixta, precipitará sem duvida nenhuma, a perda total da nossa soberania; e o regimen das poderosas companhias acabará com ella.

Não será a commissão mixta, o factor mais importante para a perda do nosso dominio na Provincia de Moçambique; mais, e muito mais concorrerá para isso o regimen das companhias gesticaticas em geral, e muito principalmente o *engajamento* indigena para as minas, entregue como está em mãos de assalariados estrangeiros, que por toda a parte hão de minar a nossa já parca autonomia e semear entre os pretos o nosso completo descredito.

Reserva nos o futuro dias bem tristes!

Antecipemo-nos, e vamos assistir a uma sessão da commissão. Que lingua se fallará ali?

E' racional que seja a portugueza, porque estamos em nossa casa, e ha de presidir a ella um portuguez; mas tal não succederá, porque a Convenção é muda sobre esse assumpto; e os inglezes ciosos da supremacia da sua lingua e ignorantes da nossa, hão de impôr o seu grotesco idioma.

Uma vez ali, o que se verá? D'um lado dois estrangeiros, altivos, orgulhosos da sua raça, e fallando a sua lingua, aguilhoados pela realisacão do seu sonho doirado, e pensando: estamos proximos do nosso fim; do outro lado dois portuguezes, julgando se muito menos do que valem. Principia a sessão.

Trata-se um assumpto impor-

tante, mais ou menos favoravel ao Transwaal, os seus delegados defendem-no com calor, n'um inglez muito correcto que os portuguezes mal percebem, mas vão approvando com inclinações de cabeça e com o invariavel *yes, yes*.

Por fim, os inglezes, caturras até ao extremo, imporão todas as suas vontades.

Não tenhamos illusões! O que nos resta perder é bem pouco; e esse pouco brevemente será rapiñado pelas aves aduncas, que possuem hoje a maior parte do imperio enorme que foi nosso patrimonio e a nossa maior gloria.

A commissão mixta á mercê o sabor dos estrangeiros; a emigração entregue na mão dos estrangeiros, com todos os poderes e mais ampliados, quando elles assim o entenderem; o regimen dos prazos já senhor da maior parte da provincia de Moçambique e da mais rica; tudo, tudo d'elles; porque mandando no Caminho de Ferro, no porto; tendo nas companhias já verdadeiros Estados, para nada faltar dispõem dos braços indigenas de Moçambique a seu bel-talante.

Oh! como nós podiamos impôr-nos aos senhores inglezes, se lhe soubessemos fazer vêr que os *trunfos* que temos na mão valem bem mais que o seu oirol!

E nem ao menos, em troca do que elles tanto precisam—a mão d'obra — conseguimos manter os interesses que já tinhamos, perdendo ainda, quando podiamos ganhar. Que pessimos jogadores!

Que indiferença a nossa que nem ao menos olhamos para as companhias, que investidas d'um poder abso uito, praticam toda a casta de crimes, desde o roubo ao assassinato, sem que haja quem lhe dê o premio que merecem, — porque são estrangeiros, e elles tudo podem.

E' triste; mas por mais que isso nos custe a realidade em breve dirá ao mundo: — Portugal perdeu Moçambique!»

(Da Crença Liberal)

NOTICIARIO

PREVISÃO DE TEMPO

Hoje, domingo haverá depressões na Irlanda e no mediterraneo superior, as quaes produzirão

alguma chuva e trovoadas na região cantabrica e no nordeste de Hespanha, com ventos de entre S. O. e N. O.

De 9 a 10, dominará o bom tempo nas nossas regiões.

De 11 a 12 a borrasca que passará pelo arquipelago inglez e mar do Norte, e o minimo que se formará no golfo de Leão, occasionará alguma chuva e trovoadas no nordeste e norte da Peninsula, com ventos do 3.º ao 4.º quadrante.

De 13 a 14 actuará no golfo de Genova um minimo barometrico e outro centro de baixas pressões se aproximará do N. O. da Peninsula.

Estes elementos de perturbação aerea produzirão algumas chuvas e trovoadas no noroeste, norte e nordeste de Hespanha, com ventos de entre S. O. e N. O.

No domingo 15, afastar-se-ão de Hespanha as depressões referidas e será mais tranquillo o estado atmosferico geral.

PESCA

Melhorou um pouquinho o producto da pesca na costa do Furadouro.

FESTA ESCOLAR

No passado domingo, realisou a Commissão de Beneficencia escolar a sua festa annual da distribuição dos premios.

A'e onze horas da manhã foi aberta a sessão solemne sob a presidencia do Sr. Dr. Chaves, servindo de secretarios a Sr.ª D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, professora da escola Conde de Ferreira, e o Sr. Dr. Alberto d'Oliveira e Cunha, abade d'esta freguezia.

A sessão abriu com o hymno das escolas, cantado pelas creanças.

Em seguida o Presidente, usando da palavra, expoz o fim da reunião, fazendo sobressahir os grandes beneficios resultantes da instrucção, e pedindo a todos; que continuem a auxiliar, com a sua esmola, tão util e necessaria obra.

Fallou depois o Sr. Dr. Sobreira, que poz em destaque os grandes serviços prestados pela commissão da freguezia de Ovar e designadamente pelo seu Presidente.

lugar de fivella, tinha um colchete de cornelina antiga ricamente engastada.

Não se lhe viam armas, mas não é admissivel a suspeita de não estar prevenido com os milhores meios de defeza pessoal. Por fim substituiu o seu copote de fantasia por um classico de lã preta do direito, e branca do avesso e cobriu a cabeça com um capuz ponteagudo, que dá uns ares de frade, ou de espectro a todas estas mysteriosas figuras que frequentam os caminhos da montanha.

—Vamos lá, diz elle, vendose a um grande espelho pendente da parede, posso apresentar-me diante d'uma senhora sem causar-lhe medo. Que vos parece, Miguel Angelo Lavoratori?

E sem querer saber que effeito este tom de fartuidade produzira em Miguel, pôz-se a fechar a casa, com extrema precaução, e acabou isto, deu, com alegria, o braço ao filho de Pedro Angelo, e pôz-se a andar tão depressa, que os seus dois companheiros não o alcançavam sem custo.

Quando desceram o pico de Nicolosi, Frei-Angelo, parando na bifurcação do caminho, despediu-se d'elles, para voltar ao convento, e lhes aconselhou a não perderem tempo em acompanhal-o.

«A licença que me foi concedida expira dentro de meia hora, disse-lhes; talvez brevemente tenha de solicitar outra, e por isso não devo abusar d'esta. Por aqui Passo.

Andam por 'hi a dizer (será verdade ou chalaça?) que um *jornaleco thalassa* vae haver cá na *paronnia* Seja assim! mas é preciso que haja mais outro papel: —Venha de lá, Dom Miguel, pode entrar sem cerimonia...

Ficarão, assim, ao todo em Ovar sete p'ridicos que apezar dos preços modicos fazem mal aos *cabedaes*... Póde ser até que alguém farto de letras e tretas lhes chame, em vez de gazetas, sete peccados mortaes...

E em tal caso esses peccados são assim representados:

O «Ovarense» é a *soberba* e a «Discussão» a *avareza* —Os collegas com certeza pode ser que não concordem... Tenham, porem, paciencia que a ordem da antiguidade dá-lhes essa qualidade e estas coisas vão por ordem.

Pertence ao «Jornal d'Ovar» o peccado da *lucuria*... (Já estamos a vêr em furia contra nós o padré Mattos! Emfim... é nosso o peccado e o remedio é ir peccando até que um dia, chorando, Cupido nos chame ingratos...

A «Patria» pertence a *ira* e a *gula* a «Perolas» —eis tudo a *inveja* tral-a o *canudo*, esse *thalassa* famoso! Basta ter a protecção do *Jão Franco*, que actualmentemente vive feliz e contente Lá na Povoa do Lanhoso.

Ao jornal do Dom Miguel, quando vier para a lica, fica ligada a *preguiça*, que o trabalhar não tem graça

E' boa! d'estes peccados segundo a ordem da igreja, logo calhou o da *inveja* ao *jornaleco thalassa!*

Subtil.

Houve recitação de poesias por algumas creanças, distribuindo-se logo os quatro premios creados, os quaes foram entregues pelos snrs. Francisco Villar e Julio Vinagre, a quem as creanças pobres muito devem, pelas quantias, relativamente importantes, que elles conseguiram no Brazil para a Beneficencia escolar.

O snr. Presidente, agradecendo a comparencia dos convidados, encerrou a sessão.

FOLHETIM

O PECCININO

OU

O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Sou um justiceiro voluntario, como era meu pai, e se não opero como elle, se, conformando-me com a epocha em que vivemos, uso mais vezes da minha habilitadade que da minha coragem, não deixo de ser elevado e independente: Mais util, e mais pesquisador que um notario, um advogado, ou medico, vendo os meus serviços por alto preço, e se os concedo gratuitamente, conformequem m'os reclama, não é por que tenha amor algum á minha arte ou respeito a minha propria intelligencia. Nunca perderei tempo, e trabalho, ainda que assalariado, sem ter a certeza de salvar os interesses de meus clientes; e, assim como um advogado de nome não acceta uma causa que reputa perdida, assim como o general não arrisca os seus subordinados a uma accção inutil, e o medico para as suas visitas ao enfermo que não póde salvar, assim eu, meu padre, declino as vossas propostas, porque não satisfazem a minha consciencia.

—Não precisavas de me dizer tanto, responde o frade sempre manso. Sei quem és, e crer-me-ia aviltado, reclamando o auxilio d'um homem que eu não estimasse.

—Visto isso, atalha o Peccinino cada vez mais commovido, porque me negaes a vossa confiança? Porque só me contaes uma parte da verdade?

—Queres que te diga onde está escondido o testamento do cardial?

Ignoro-o, e nem pensado tenho em sabel-o.

—E' impossivel.

—Juro-te perante Deus, meu filho, que tudo quanto sei é que está fóra do alcance do Ninfo, por enquanto, e que não poderá lançar-lhe a mão em vida do cardial, se este não quizer.

—E quem vos afirma que este prelado lho não tenha já confiado?

—A princeza Agatha não tem a menor duvida sobre isso; ella disse-m'o, e é quanto basta.

—E se para mim não fôr o bastante? Se eu não tiver confiança na providencia e habilitadade d'essa senhora? Têm as mulheres o menor conhecimento d'este genero de fraudes? Têm ellas artes para o que não seja advinhar e illudir aquelles por quem se fazem amar?

Estás muito conhecedor d'essa particularidade, eu continuo ignorante como era; em summa amigo, se queres saber outras porme-

nores, procura a princeza, attende-te-ha. E' provavel que eu possa apresentar-te a ella esta noite mesmo.

—Na noite d'hoje? E poderei eu fallar-lhe sem testemunhas?

—Sem duvida, se o julgares conveniente ao bom exito dos nossos designios.

O Peccinino voltou-se para Miguel e fixou-o sem proferir palavra.

O joven artista não póde suportar este exame sem se perturbar notavelmente. O modo como o aventureiro fallava d'Agatha despertou-lhe uma profunda irritação, e para não manifestar o seu alvoroço, acceitou o cigarro que o bandido lhe offereceu com um ar evidentemente ironico, e como que protector. Porque o Peccinino d'esta vez decidiu-se a pôr-se de pé resolvido a partir. Começou a desatar a cinta, sacudindo ao mesmo tempo as pernas como faz o cão de caça quando accorda e se prepara para correr.

Passou a um outro compartimento, onde teve pouca demora, e voltou com um traje mais cuidado e decente. Cobriam-lhe as pernas umas compridas polainas de lã branca felpuda, como as dos montanhezes italianos. Mas os botões eram todos de bom ouro. Trazia um sobretudo de veludo verde bordado a ouro, e por baixo d'este um casaco mais curto, elegante, de moiré lilaz com bordaduras prateadas. Cingia-lhe a franzina cintura uma pelle branca, que em

vai se ter directamente á quinta de Palmarosa, sem passar por Bello Passo. Não preciso de comparecer para serdes introduzidos junto da princeza—ella já vos espera, esta prevenida. Toma, Miguel, a chave do parque e a do pequeno jardim contiguo ao casino. Conheces a escada talhada na rocha, pois ao chegares ao ultimo degrau, has-de tocar duas vezes á campainha, esperas um pouco, tocas mais tres vezes, e apoz um outro pequeno intervallo, darás mais uma pancada.

Até lá vêde se não vos percebem, e se não sois seguidos.

Para a entrada vos ser facultada direis estas palavras á camarista que vos apparecer: Santa *Virgem do Bello Passo*. Não largues estas chaves, Miguel. A princeza mandou ha poucos dias mudar todas as fechaduras, e as novas são tão complicadas, que a não ser corrompido o operario que as fez, será d'óra avante impossivel ao Ninfo introduzir-se na quinta com chaves falsas...

«Mais uma palavra, meus filhos: Se algum acontecimento imprevisto tornar urgente a minha presenca durante a noite, o Peccinino conhece a minha cella, e o meio de penetrar no mosteiro.»

—Conheço-o muito bem! diz o bandido quando já afastados do capucho; fugi muitas vezes de noite, e muitas vezes entrei ao alvo-recer, para aprender a transpôr os muros do convento do Mau Passo.

DESASTRE

Na passada sexta-feira, ao cair da noite, na occasião em que o nosso dedicado amigo, o sr. dr. Domingos Lopes Fidalgo, distincto clinico, d'esta villa, vindo do exercicio do seu honroso mister se recolhia a casa, montado na sua égua, esta, tomando o freio nos dentes, largou em carreira vertiginosa e, ao dar a volta á Praça, foi de encontro á parede da casa, onde os srs. Ludgero Peixoto e José Ferreira têm o seu estabelecimento de moveis, apanhando o sr. dr. Fidalgo, em virtude do embate, uma queda, de que lhe resultou ficar maltratado.

Felizmente, o estado do nosso amigo não inspira cuidados, com o que devéras folgamos.

Phylarmonica «Ovarense»

Pelas sete e meia horas da tarde, de sexta-feira ultima, tivemos o prazer de receber a visita d'esta conceituada phylarmonica, envergando esta o seu novo e vistoso uniforme, que vestia pela primeira vez.

Agradecemos a gentileza da visita.

—A commissão nacional de soccorros aos sobreviventes da catastrophe do Ribatejo, votou 5 contos, 540 mil reis para reparações no districto de Lisboa, 20 contos para Samora Correia e 33 contos para Benavente. Está em reis 225:686\$377 a subscrição.

CHEGADAS

Chegaram a esta villa:
—Vindo das Caldas do Molêdo, o sr. João Ferreira Coelho.
—De S. Pedro do Sul, o sr. Amadeu Soares Lopes.
—De Entre-os-Rios, os srs. Silverio Lopes Bastos, Antonio da Conceição e Augusto Ramos.

OCCORRENCIA

Na passada quinta-feira, pelo meio dia, houve um borbolino enorme nas immediações da Praça, chegando a fallar-se em homem morto.

Afinal apurou-se que o caso não tinha importancia, e ainda bem.

Agora, meu camarada, já não temos de poupar as pernas de Frei-Angelo; vamos descer um pouco de corrida esta ladeira, e farás o favor de me não ficar atrás, porque não sou de opinião de tomar-mos os caminhos traçados; é meu costume procurar os mais curtos, menos arriscados, e mais expeditos.

E dizendo isto atira-se para o meio das rochas que desciam a pique para o rio, como se n'elle quizera precipitar se.

A noite era muito clara como são quasi todas as d'este bello clima. A lua começa a elevar-se, a como projectava sombras gigantescas n'estes precipicios, tornava incerto e illusorio o aspecto d'estes abysmos. Se Miguel não fosse tão perto do seu guia não saberia absolutamente como dirigir-se atravez dos montões de lava e das escarpaduras que pareciam impossiveis de transpôr.

Ainda que estes sitios fossem muito conhecidos do Peccinino havia algumas passagens tão perigosas e tão dificeis, que, se não fosse o receio de ser tido por medroso, ou por inhabil, Miguel não se entregaria a semelhante risco. Mas a rivalidade do amor proprio é um estimulo que duplica as faculdades humanas, e, sob pena de morrer vinte vezes, o novo artista seguiria o aventureiro sem vacillar, sem a menor reflexão que trahisse a sua dificuldade, ou a sua desconfiança.

(Continúa) Clara de Miranda

N'essa occasião seguia pela rua da Praça o Snr Dr. Chaves, acompanhado de dois filhinhos, quando ao passar á pharmacia do sr. Ernesto Lima, se encontrou em frente d'um carro de bois, sem que o conductor occupasse o logar devido.

Irritado com o facto, que podia ocasionar algum desastre, increpou o carreteiro pela sua falta, batendo-lhe com a ponteira d'um guarda-sol no peito.

A pontuada, porém, resvalando do sitio alvejado, foi bater no pescoço do homem, fazendo-lhe um pequeno ferimento, d'onde principiou a brotar bastante sangue.

O Snr. Dr. Chaves, deveras impressionado com este facto, immediatamente foi chamar um medico, que prestou todos os soccorros ao ferido.

O ferimento, como dissémos, não tem a menor gravidade.

Como sempre, ha commentários a favor e contra.

Veio á discussão a incuria dos carreteiros, em não cumprir as obrigações, que a lei lhes impõe, e a incuria de as familias em não impedir, que creanças vagueiem, sósinhas, pelas ruas da villa, por onde é enorme o transito dos carros.

Não tem justificação o procedimento dos carreteiros mas muito menos a tem o desleixo das familias, pois estas são as que podem ser muito mais prejudicadas, e com perdas irreparaveis.

NECROLOGIA

Falleceram:
—O snr. Francisco da Cunha Farraia, irmão do snr. Caetano da Cunha Farraia e tio dos nossos amigos os Srs. Antonio e Augusto da Cunha Farraia.
—E, um filho do snr. José d'Oliveira Luzes.
A's familias em luto, os nossos pesames.

Contribuição industrial

Chamamos a attenção dos nossos prezados leitores para o edital, que vem publicado na secção dos annuncios, sobre reclamações de Contribuição industrial.

RIFA

Tem logar, hoje, no theatro d'esta villa, pelas 3 horas da tarde, a rifa de uma salva de prata, promovida por uma commissão de senhoras d'esta villa, cujo producto é destinado ao cofre da futura misericordia d'Ovar.

"Hotel e café Cerveira"

(Praia do Furadouro)

Já se acha aberto ao publico este magnifico hotel, situado no melhor ponto da praia do Furadouro, tão conhecido e considerado pelos banhistas, que alli tem concorrido, nos annos anteriores razão porque o recommendamos.

DESASTRE E MORTE

Na passada terça-feira, pelas seis horas da tarde, nos limites do Seixo de Cima, da freguezia de Vallega, d'este concelho, na occasião em que José Pereira e Pinho, solteiro, Manoel Maria da Fonseca de Pinho Osorio, casado e Manoel da Fonseca, solteiro, todos do logar da Candoza, da referida freguezia de Vallega, procediam ao corte de pinheiros, em uma propriedade do dito Manoel Maria Osorio, aquelle José Pereira e Pinho teve a infelicidade de ser embrulhado pelo pinheiro que cortara e que nesse momento cahia.

Na mesma occasião, cahiu um outro pinheiro, que o Manoel Ma-

ria Osorio e o Manoel da Fonseca haviam cortado, sobre o infeliz José Pereira e Pinho, esmagando-lhe a cabeça, o que lhe resultou a morte instantanea.

A familia do desventurado rapaz, enviamos os nossos sentidos pezames.

PELO TRIBUNAL

Na quinta-feira responderam em audiencia de policia correccional Manoel Rodrigues Borges Senior e seus filhos Manoel, José e Joaquim conhecidos pelos *Curralleiros*, de Vallega. Eram accusados de haverem espancado Manoel da Silva, moleiro, tambem de Vallega. O pai, e filho Manoel, foram condemnados em pena de desterro, sendo aquelle na de 2 meses que cumprirá no Seixal, e este na de 6 mezes que deve cumprir na Povoia de Lanhoso. Os *Curralleiros*, ao ouvirem ler a sentença ficaram pesarosos, pois nunca julgaram de ter de fazer uma viagem forçada: o pai ao sul, e o filho ao norte. Por vezes choraram a sua desdita, mas por fim, tiveram que se resignar com a sua sorte.

Tambem no mesmo dia respondeu em policia correccional Francisco Alves Fardilha, d'Esmeriz, pelo crime de offensas corporaes.

Foi condemnado na pena de 2 mezes de desterro para a comarca do Seixal.

O *Curralleira*, pai, ao saber que tinha por companheiro o Fardilha, alegrou-se, pois assim—dizia elle—a viagem correrá mais rapida e o desterro não é tão cruel. E lá foram os dois, para o Seixal, como bons amigos velhos e de...Peniche.

Pois que façam boa viagem e que, quando voltarem tragam os nervos menos excitados.

E' CEDO

A «Patria» acha toda a oportunidade em se ir preparando para a eleição municipal, que ha-de realisar-se em novembro de 1910.

Pelo que se lê nas entrélinhas, prepara-se um *blóco*, facil de desblocar.

Para isso traçaram o seu plano de campanha, qual é o de aggravar os progressistas mais em evidencia, e elogiar tudo o mais.

Assim, é que, todos os empregados da administração são pessoas da maior delicadeza, funcionarios zelosos e sabedores.

Ha uma excepção, que é o administrador do concelho. Este é bom homem, mas mau funcionario.

Não o querem, por isso, para o *blóco*.

Da camara, nem ouvir fallar querem.

Mas não perdem a occasião de notar ausencias, que lhe parecem injustificadas.

Não se lembram, que as obrigações, estão primeiro, do que as devoções.

Qual será o ósso, que os engasga?

Administrador do concelho

Tivemos o prazer de, na sexta-feira e sabbado passados, cumprimentar sua Ex.^a, na sua secretaria, sendo recebidos com a amabilidade, que o caracteriza.

Um "morto", resuscitado pela electricidade

A noticia chega da America e convem recebê-la com alguma reserva. Ahi vae a historia:

«Um padeiro de Worcester (Massachusetts) chamado José Renullard, depois de ter sido oficialmente declarado morto, foi resuscitado pela electricidade.

«Prostrado pelo calor, Remillard cahira sem sentidos. Um medico chamado immediatamente, declarou que era grave o estado do enfermo: mandou cobrir o seu corpo com gelo e ordenou a sua remoção para o hospital.

«Dez minutos depois do doente chegar, ali os medicos declararam-no morto. Iam transportar o seu corpo para a «morgue», quando um dos clinicos teve a ideia de f'intervir a electricidade. Com espanto geral viu-se o pretendido morto estremecer sob acção da corrente, abrir os olhos emfim voltar a si.

«Duas horas mais tarde, Remillard estava quasi completamente restabelecido.»

EDITAL

«A Junta dos Repartidores do concelho d'Ovar, etc.

Faz publico em cumprimento do disposto nos artigos 106.º e 107.º do regulamento de 16 de julho de 1896, que se acha patente na Repartição de Fazenda d'este concelho, por espaço de 10 dias a contar de 9 do corrente mez, a matriz de contribuição industrial d'este anno, a fim de que os contribuintes a possam examinar, querendo, e reclamar o que tiverem por conveniente sobre:

1.º—Erro na designação das pessoas e moradas ou dos factos sujeitos á contribuição;

2.º—Injusta designação da tabella, parte, classe e lançamento das taxas fixas;

3.º—Indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

Estas reclamações deverão ser apresentadas na mesma repartição no prazo acima indicado e deverão ser escriptas em papel selado da taxa de 100 réis.

As decisões da junta estarão patentes desde 29 d'este mesmo mez, podendo os contribuintes recorrer d'ellas para o juiz de direito da comarca até ao dia 7 de setembro proximo.

E para constar se passou o presente e outros de equal theor que vão ser affixados nos logares do costume.

Repartição de fazenda do concelho d'Ovar, 6 d'agosto de 1909.

O Presidente da Junta,

(a) Del fim José de Sousa Lamy.

Arrematação

No domingo 29 do corrente; pelas 1.ª horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, e por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procedeu por obito de Maria Pereira de Rezende, viuva, que foi moradora em Vald'agua, de Vallega, hão-de ser postas em praça e arrematadas por quem mais der acima do valor em que vão á praça, as propriedades abaixo declaradas, pertencentes aos menores Maria Emilia e Manoel, netos da inventariada:

Uma leira de terra lavradia, denominada a terra dos cabos, sita em Carvalho de Baixo, de Valega, com servidão activa pelo predio dos herdeiros do Doutor Eduardo Augusto Chaves, no valor de 158\$040 réis.

Uma leira de terreno de matto e pinhal, chamado a Quinta do Monte, sita em Bostello de Vallega, no valor de 195\$040 réis.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

As despezas da praça e de toda a contribuição do registro ficam a cargo do arrematante. Ovar, 3 d'agosto de 1909.

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O escrivão,

Angelo Zagallo de Lima.

VENDA DE PREDIOS

EM

OVAR

Vendem-se duas moradas de casas, sitas na rua da Pôça e Viella do Mattos.

Um palheiro na costa do Furadouro junto da Fabrica de Conservas e quatro Pinhaes sitos nas Mattas do Brejo e Enxemil.

Tratar com

FRANCISCO LOPES

CADAVAL

(ou Manoel Gomes Laranjeira)

R. DA GRAÇA

BARBARIA TAVARES

Largo da Praça—OVAR

Encontra-se á venda, n'esta casa, finissimo pó d'arroz, pós e pastas para dentes, elixires e aguas dentrificas, o preciso «Reparador dos cabellos», excelente para combater a caspa, e magnificas perfumarias e sabonetes.

Cazas

Vende-se um bom predio de cazas com armazem por baixo, vinha e arvores de fructa, e dois caminhos de pé e carro.

Quem pretender dirija se a José Leite Brandão, da rua dos Maravalhas.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e nabilita-se para exame de instrução primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceptam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

CASA

Vende-se uma, na rua das Ribas, d'esta villa, com quintal e poço, que foi do fallecido mestre d'obras Manoel Joaquim da Silva Valente.

Para tratar, com Guilherme d'Oliveira Corrêa **Rua das Ribas OVAR**

Mercearia, Tintas, Ferragens e Miudezas

ARMAZEM DE

CEREAES E LEGUMES

DE

ABILIO JOSE' DA SILVA

CIMO DE VILLA

OVAR

N'este estabelecimento, o mais importante que se acha ao nascente da linha ferrea, em Ovar, encontrará o publico o mais completo sortido que possa haver em casas n'este genero, por preços os mais rasoaveis do Mercado.

ADOBES

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

AGRADECIMENTO

A familia do finado José Luiz da Silva Cerveira, assaz penhorada agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a por occasião do fallecimento e ás que o acompanharam á sua ultima morada, protestando o seu reconhecimento.

ADEGA DO LUZIO

Do estrudo a esta data
Que de folga tenho 'stado,
N'uma vida tão pacata,
Tão santinha, tão beata,
Que me sinto... abeatado...

Todavia, em tempo santo,
Não extranhe, pois, *vocencia*,
Que, mettido n'este canto,
Tenha só tratado tanto,
De limpar a consciencial...

E s'alguem quizer *limpal-a*,
Ficar limpo, bem limpinho,
Tão limpinho, que regala,
Deixem lá fallar quem falla,
—Do **Luzio** gastem vinho...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

RUA DOS MERCADORES, 171 — Não CONFUNDIR COM IMITAÇÕES

A UNICA NO GENERO QUE TRABALHA MAIS BARATO

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

PORTO.



O GABÃO ELEGANTE

— DE —
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETTE
RILEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem competencia.



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marca „Opel”.

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «OPEL» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher todas as exigencias no freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torn-
estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os traba-
rhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes ter-
las estrangeiras. Não comprem, pois, machinas de costura, sem verem as da marca «OPEL». Dão-se todas as instruções e ensina-se
o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 réis semanaes.
Há á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas,
etc., etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceptam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48 — OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

LA VILLE DE PARIS
EXPOSITION UNIVERSELLE 1889
F. DELPORT, SUCCESSORS IN C.

Fabrica de corôas

e flores artificiaes

MARCA REGISTRADA
PORTO

Rua Sá da Bandeira, 249

Telegrammas:
VILLE-PORTO

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.